RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade
Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Revue Latino-américaine d'Études sur la culture et la société | Latin American Journal of Studies in Culture and Society
V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2763 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

Produção intelectual negra no Brasil: contribuições de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez

Juliana Coelho Lima Gac[1]

Resumo

Este estudo analisa as contribuições das intelectuais negras brasileiras Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez para os estudos raciais no Brasil, com o objetivo de valorizar saberes nacionais e combater o epistemicídio dos conhecimentos negros. A pesquisa enfatiza a relevância de autoras e seus estudos que ofereceram, inclusive, perspectivas interseccionais sobre raça, classe e gênero, essenciais para a compreensão das dinâmicas sociais brasileiras. A metodologia baseia-se na análise bibliográfica das obras de Nascimento e Gonzalez, produzidas entre as décadas de 1970 e 1990. Estas autoras propõem uma leitura decolonial das relações raciais e sociais, incorporando vivências e experiências do movimento negro brasileiro, que ainda são muito úteis atualmente. Os resultados destacam a pertinência de suas análises, que dialogam diretamente com as especificidades do contexto brasileiro, oferecendo soluções e reflexões mais adequadas do que as teorias importadas. Além disso, seus escritos fortalecem o campo de estudos raciais, desafiando a subalternização intelectual historicamente imposta à população negra. Conclui-se que resgatar e valorizar o legado dessas autoras é fundamental para aprofundar o debate racial no Brasil, enfrentando tanto o negacionismo quanto as desigualdades persistentes. A pesquisa reafirma a necessidade de privilegiar saberes locais, que refletem melhor a complexidade da realidade brasileira e contribuem para superar a desvalorização histórica dos intelectuais negros.

Palavras-Chave: Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez; Decolonialidade; Epistemicídio; Estudos Raciais; Interseccionalidade.

1. Introdução

Há cada vez mais um resgate de intelectuais negras, por muito tempo desvalorizadas academicamente. O racismo, que estrutura nossa sociedade, relega às mulheres negras uma posição de serviçal, como empregadas domésticas, por exemplo (NASCIMENTO, 2021; GONZALEZ, 2020). Posições essas que são desvalorizadas economicamente e intelectualmente. Contudo, é importante valorizar a produção de intelectuais negras, especialmente quando se procura analisar o contexto brasileiro, uma vez que estas possuem uma compreensão ímpar das vivências da população negra do Brasil.

No presente texto pretende-se analisar as contribuições das autoras negras brasileiras Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, que produziram textos entre os anos de 1970 e 1990, mas

[1] Pesquisadora. Doutoranda em Direito Político e Econômico na Universidade Presbiteriana Mackenzie (Bolsista CAPES). Mestre em Direito Político e Econômico na Universidade Presbiteriana Mackenzie (Bolsista CAPES/PROSUC - 2021). Graduada em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2018). E-mail: julianaclgac@gmail.com

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2763 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

seus textos estão sendo relançados e retomados nos anos mais recentes. Estas autoras possuem uma compreensão ampla sobre questões envolvendo raça, classe e gênero, que pode, e deve, ser utilizada para avançar os estudos raciais no país nos dias atuais.

A valorização de autoras brasileiras em detrimento de apenas buscar adequar conceitos e teorias estrangeiras é um passo importante para o fortalecimento do campo de estudos raciais nacional. Estas autoras viveram a questão racial na pele, foram militantes do movimento negro no país, além de serem acadêmicas valiosas. Ademais, estas autoras estavam na vanguarda da discussão acerca da raça, considerando este conceito de modo interseccionado com outras estruturas de dominação da sociedade, como o gênero e a classe (NASCIMENTO, 2021; GONZALEZ, 2020).

Ao se aprofundar em textos de autoras negras brasileiras têm-se uma visão mais profunda sobre as relações raciais do país e que é capaz de oferecer soluções e caminhos mais adequados à nossa realidade, que é muito peculiar. O Brasil é um local onde ainda se nega a existência do racismo e minimiza as suas consequências na sociabilização dos indivíduos. Que valoriza e vangloria os saberes estrangeiros em detrimento dos nacionais.

Por isso, além dos motivos acima mencionados, utilizar textos nacionais de autores negros evita o epistemicídio dos saberes negros, estudado por Sueli Carneiro (2005). O epistemicídio influencia no reconhecimento da população negra como população subalternizada, incapaz de produzir conhecimento, afeta a educação e até mesmo a autoestima intelectual das pessoas negras.

Este é o motivo central da escrita do presente texto, que escolheu especificamente as autoras Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, por serem as maiores expoentes femininas do pensamento negro de sua época e que seus escritos ainda retratam a realidade da população brasileira.

Este texto possui como objetivo analisar a obra de duas autoras negras brasileiras, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, focando na importância de estudar autoras nacionais para compreender a realidade de nosso país. Possui como objetivo, também, a valorização de saberes produzidos por autoras negras especialmente quando se busca compreender a questão racial presente na sociedade brasileira.

A metodologia utilizada será a análise bibliográfica das autoras Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, uma vez que ambas as autoras tratam de temáticas parecidas, a questão do negro no Brasil, e escrevem seus textos a partir da valorização da cultura e povo brasileiro. É

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2763 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

possível realizar uma aproximação dos escritos das autoras pelos motivos já citados, além do fato de ambas serem contemporâneas e trazem uma perspectiva decolonial.

Como parte da metodologia pretende-se, conscientemente, utilizar uma bibliografia majoritariamente formada por autoras negras brasileiras, utilizando autores homens e não brasileiro apenas quando estritamente necessário.

Utiliza-se também os conceitos de epistemicídio para explicar como houve a desvalorização dos escritos das mulheres negras e a importância de resgatá-los e valorizá-los.

2. Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez: Intérpretes do Brasil

A autora Maria Beatriz Nascimento, historiadora negra brasileira, nascida em 1942 e assassinada em 1995 (NASCIMENTO, 2018), foi um expoente no movimento negro e uma intelectual muito relevante em sua época. Apesar de tratar de temáticas envolvendo as pessoas negras, em especial mulheres negras e quilombolas, de maneira inovadora, esta foi desvalorizada por muitos anos.

Nascimento foi desvalorizada inclusive enquanto ainda estava viva, como pode ser demonstrado pelo seguinte discurso de Lélia Gonzalez:

> não podemos esquecer de uma mulher, também constantemente esquecida nos discursos, nas falações do movimento negro: a companheira Beatriz Nascimento, que tem pagado muito caro por sua militância, por sua inserção em termos de movimento negro. A essa mulher devemos o renascimento do movimento negro no Rio de Janeiro nos anos 1970, por favor não se esqueçam disso! (Nascimento, 2020, p. 225)

Gonzalez enfatizou a importância intelectual e na militância de sua autora contemporânea, bem como pediu a sua valorização, o que não aconteceu por muitos anos. Apenas recentemente está havendo uma retomada da publicação de seus escritos, originalmente publicados entre os anos de 1970 e 1990.

Dentre as temáticas abordadas por Beatriz Nascimento (2018), esta deixa claro em seus textos a importância de se analisar a realidade da população negra brasileira a partir de uma ótica própria, criticando os intelectuais que tentavam comparar a realidade brasileira com a situação da população negra dos Estados Unidos e da África do Sul. Isto demonstra como havia uma semente do pensamento decolonial, utilizando-se de pensamentos nacionais para compreender o país.

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2763 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

Ademais, criticava os intelectuais brasileiros por possuir uma episteme centrada nos saberes europeus e estadunidenses, desvalorizando os saberes criados no país. Muitos intelectuais atuais continuam valorizando os saberes europeus, citando pouco ou apenas apagando os conhecimentos brasileiros, em especial os que tenham como autores pessoas vindas de grupos minorizados, como mulheres negras.

> O branco brasileiro de um modo geral, e o intelectual em particular, recusam-se a abordar as discussões sobre o negro do ponto de vista da raça. Abominam a realidade racial por comodismo, medo, ou mesmo racismo. Assim perpetuam teorias sem nenhuma ligação com nossa realidade racial. Mais grave ainda, criam novas teorias mistificadoras, distanciadas desta mesma realidade. (NASCIMENTO, 2018, p. 45)

A autora destacava como as estruturas de dominação presentes na sociedade, como o racismo, sexismo e classismo influenciavam a sociabilização das pessoas negras das pessoas negras, as relegando às piores posições sociais. Observou a continuidade das consequências da colonização na vida das pessoas negras, qual seja, a não emancipação deste grupo e subalternização. Afirmando que "a maioria dos meus iguais permanece social e economicamente rebaixada, sem acesso às riquezas do país que construiu." (NASCIMENTO, 2018, p. 46-47)

Nascimento tratou amplamente em seus escritos sobre o racismo e como este favoreceu que as pessoas negras fossem ligadas à pobreza e foram submetidas a diversas situações degradantes. (NASCIMENTO, 2018)

Especificamente em relação à mulher negra, tratou sobre a continuidade desta nas mesmas posições desde o tempo da escravização, como trabalhadora desvalorizada, realizando serviços domésticos e de baixa remuneração, sem grandes possibilidades de ascensão social. (NASCIMENTO, 2018) Narrou, ainda, a importância da educação para que houvesse a alteração das dinâmicas sociais, mas como esta era restrita aos grupos negros, o que apenas favorecia e confirmava sua posição desfavorecida na hierarquia social (NASCIMENTO, 2018)

Lélia Gonzalez, intelectual negra brasileira, nascida em 1935 e falecida em 1994 (2020), da mesma forma, buscou em seus escritos valorizar a contribuição da população negra para a cultura e a construção do país.

Esta seja valorizou o pretuguês, modo de falar das mulheres negras escravizadas que trabalhavam nas casas dos senhores e foi ensinado aos filhos dos senhores, como um modo de resistência da cultura e valorização da herança negra no país (GONZALEZ, 2020). Gonzalez

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2763 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

enfatizou como os negros moldaram a fala no povo brasileiro de diversas formas, ainda que não fosse valorizado oficialmente.

Além disso, discutiu sobre a questão da massa marginal, conceito em que explicitou como a população negra no mercado de trabalho era considerada supérflua e a primeira a ser descartada em momentos de crise, sendo recontratados posteriormente por salários baixos (GONZALEZ, 2020).

Abordou amplamente sobre o mito da democracia racial e o branqueamento da população brasileira, em que houve a disseminação de ideias de que não havia racismo no Brasil, uma vez que houve a mestiçagem, visando branquear a população. Esta mestiçagem haveria criado uma única raça, a brasileira, não havendo que se falar em discriminação e diferenças entre pessoas negras e brancas (GONZALEZ, 2020). A autora foi uma das grandes combatentes deste mito, demonstrando a clara hierarquização racial vista na sociedade e como a discriminação afetou a população negra e o modo como ela vive.

> o texto da lei de 13 de maio de 1888 (conhecida como Lei Áurea) simplesmente declarou a escravidão extinta, revogando todas as disposições contrárias e… nada mais. Para nós, homens e mulheres negros, nossa luta pela libertação começou muito antes desse ato de formalidade legal e continua até hoje. (GONZALEZ, 2020, p. 139)

O trecho supracitado demonstra a influência da colonização na vida das pessoas negras, que ocupavam lugares semelhantes ao que ocupavam na época da escravização, assim como tratado por Beatriz Nascimento.

Gonzalez se preocupou também em discutir acerca da divisão racial do trabalho, que determinava o local econômico e social em que as pessoas negras ocupavam. As pessoas negras estavam restritas aos piores postos de trabalho, com menor qualificação e menor remuneração (GONZALEZ, 2020).

Por último, uma temática relevante na obra de Lélia Gonzalez foi a questão da mulher negra brasileira na sociedade. Esta tratou de como a imbricação de raça, gênero e classe afetou as mulheres negras. Para a autora “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. (GONZALEZ, 2020, p. 58)”

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2763 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

A compreensão do modo como as opressões afetavam simultaneamente as mulheres negras foi feita de modo inovador, considerando que não havia sido criado oficialmente o campo de estudos da interseccionalidade, muito estudado nos dias atuais.

A autora refletiu também, além da divisão racial do trabalho, como supramencionado, acerca da divisão sexual do trabalho. Que desvaloriza o trabalho feminino econômica e socialmente, havendo empregos específicos para mulheres. Gonzalez analisou o modo como as mulheres negras, especificamente, eram atingidas pela divisão racial e sexual do trabalho devido ao fato de serem mulheres e negras. Isso resultou no fato das mulheres negras serem a maioria das trabalhadoras domésticas, como baixa remuneração, além de estarem na base da pirâmide social (GONZALEZ, 2020). Além da naturalização do "o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papeis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa. (GONZALEZ, 2020, p. 42)"

Este texto buscou trazer alguns dos principais temas tratados pelas autoras, sem esgotá-los, uma vez que estas tratavam de diversas temáticas relacionadas à população negra.

Antes de finalizar o tópico importa enfatizar que ambas faleceram muito cedo, foram precursoras do feminismo negro brasileiro, militantes e intelectuais, que apesar de não possuírem muitas obras publicadas, seus escritos têm valor imensurável para a compreensão do negro no Brasil, com temáticas complexas, como se buscou demonstrar acima.

O próximo tópico irá tratar sobre o epistemicídio e a desvalorização dos saberes de grupos minorizados, especificamente negros, bem como a decolonialidade como um caminho para a recuperação e valorização destes saberes.

3. O pensamento decolonial e o embate com o Epistemicídio

Apesar da importância social e intelectual das autoras, como demonstrado no tópico anterior, a influência da colonialidade ainda afeta como estas mulheres são vistas e valorizadas socialmente.

Isto, pois, "os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e consequentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. (QUIJANO, 2005, p. 118)" As populações negras e as mulheres negras, especificamente, como busca tratar neste textos foram colocadas em uma situação de inferioridade desde a colonização como uma estratégia colonial, que não foi possível superar mesmo após a independência formal dos países.

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2763 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

Considerando o fato de que a europa ditava como ocorria a produção do saber bem como que tipo de conhecimento era válido, se colocando como superior e os povos dominados como primitivos (QUIJANO, 2005).

Além disso, grupos minorizados eram vistos como incapazes de produzir conhecimento, uma vez que seu local na hierarquia social era de trabalho braçal e de baixa complexidade, como falado anteriormente.

Em se tratando da produção intelectual, esta desvalorização é chamada de epistemicídio, como definido pela autora Sueli Carneiro:

> É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar.

Os saberes produzidos pelas populações negras são sistematicamente desvalorizados. Quando se fala das mulheres negras, as mais afetadas pelas estruturas de dominação, isso é ainda pior. Considerando que

> do mesmo modo, nós, mulheres e não brancas, somos convocadas, definidas e classificadas por um *sistema ideológico de dominação* que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história. Não será necessário dizer que, com todas essas características, estamos nos referindo ao *sistema patriarcal-racista*. (GONZALEZ, 2020, p. 141) (grifos da autora)

Sujeitos que são primitivos, inferiores, não possuem direito de se manifestar e muito menos possibilidade de serem valorizados.

Neste sentido, é necessário utilizar-se da teoria decolonial, que busca valorizar, resistir e lutar pela reexistência dos saberes da população negra (BERNADINO-COSTA, 2018).

A definição de decolonialidade utilizada neste texto é a que se segue:

> o projeto decolonial ou giro decolonial, que se constitui numa estratégia epistêmica e política de resistência à colonialidade do poder, do saber e do ser, simultaneamente à tentativa de estabelecer um novo diálogo entre os sujeitos que experienciam o lado

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2763 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

> mais escuro e as consequências mais nefastas da modernidade eurocentrada. O projeto decolonial aponta para uma dimensão da resistência e reexistência política que vai além dos processos de independências e descolonizações que ocorreram nas Américas no início do século XIX e na segunda metade do século XX na África, Ásia e Caribe. Em outras palavras, o giro decolonial tem como horizonte político concluir o processo incompleto da descolonização, seja dos países latino-americanos, seja dos países africanos, asiáticos e caribenhos. Significa, portanto, uma confrontação direta das hierarquias raciais, de gênero, de sexualidade, religiosas, estéticas etc., que estruturam o sistema de dominação e exploração do sistema-mundo moderno/colonial, que denominamos colonialidade do poder. (BERNADINO-COSTA, 2018, p. 124)

Torna-se necessário que o negro recupere "o conhecimento que também é seu, e que foi apenas apoderado pela dominação. (NASCIMENTO, 2018, p. 103)", como dito por Beatriz Nascimento.

A teoria da decolonialidade constitui um meio eficaz para a retomada dos saberes dos grupos subalternizados. A valorização destes saberes é essencial, uma vez que as autoras e autores negros, como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento aqui enfocadas, são valiosos intérpretes da realidade brasileira.

Como visou demonstrar neste artigo, os saberes vindos de intelectuais brasileiros são muito úteis, uma vez que essas pessoas viveram na pele, além de terem estudado a temática e oferecem uma visão privilegiada dos problemas do país, oferecendo uma perspectiva única e importante inclusive atualmente.

4. Considerações finais

A análise das obras de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez evidencia a relevância da produção intelectual de mulheres negras no entendimento das complexas relações raciais brasileiras. Suas reflexões, oferecem contribuições significativas para o campo dos estudos das relações raciais, integrando perspectivas interseccionais sobre raça, classe e gênero.

O resgate de seus escritos, além de fortalecer o debate acadêmico, representa uma resistência ao epistemicídio que historicamente marginaliza os saberes negros. A valorização dessas autoras nacionais demonstra que soluções para as desigualdades raciais no Brasil podem ser mais eficazmente desenvolvidas quando ancoradas em referências locais, capazes de refletir a singularidade de nossa sociedade.

Portanto, investir no reconhecimento e na disseminação das ideias de Nascimento e Gonzalez é um passo essencial para enfrentar a desigualdade racial, fomentar a autoestima intelectual da população negra e ampliar os horizontes teóricos do campo acadêmico nacional.

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

O legado dessas intelectuais reafirma que compreender o Brasil passa, necessariamente, por ouvir as vozes daqueles que historicamente foram silenciados.

Referências

CARNEIRO, S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.* 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano:* ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 33, n. 1, Janeiro/Abril 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento:* Quilombola e intelectual. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma História Feita por Mãos Negras:* Relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de janeiro: Zahar, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgard (Org.). *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais, p. 107 -130. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Producción intelectual negra en Brasil: contribuciones de Beatriz Nascimento y Lélia Gonzalez

Resumen

Este estudio analiza las contribuciones de las intelectuales negras brasileñas Beatriz Nascimento y Lélia Gonzalez a los estudios raciales en Brasil, con el objetivo de valorizar los saberes nacionales y combatir el epistemicidio de los conocimientos negros. La investigación enfatiza la relevancia de estas autoras y sus estudios que, además, ofrecieron perspectivas interseccionales sobre raza, clase y género, esenciales para la comprensión de las dinámicas sociales brasileñas. La metodología se basa en el análisis bibliográfico de las obras de Nascimento y Gonzalez, producidas entre las décadas de 1970 y 1990. Estas autoras proponen una lectura decolonial de las relaciones raciales y sociales, incorporando vivencias y experiencias del movimiento negro brasileño, que siguen siendo muy útiles en la actualidad. Los resultados destacan la pertinencia de sus análisis, que dialogan directamente con las especificidades del contexto brasileño, ofreciendo soluciones y reflexiones más adecuadas que las teorías importadas. Además, sus escritos fortalecen el campo de los estudios raciales, desafiando la subordinación intelectual históricamente impuesta a la población negra. Se concluye que rescatar y valorizar el legado de estas autoras es fundamental para profundizar el debate racial en Brasil, enfrentando tanto el negacionismo como las desigualdades persistentes. La investigación reafirma la necesidad de privilegiar los saberes locales, que reflejan mejor la complejidad de la realidad brasileña y contribuyen a superar la desvalorización histórica de los intelectuales negros.

Palabras claves: Beatriz Nascimento y Lélia Gonzalez; Decolonialidad; Epistemicidio; Estudios raciales; Interseccionalidad.

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025

V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2763 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

Production intellectuelle noire au Brésil : contributions de Beatriz Nascimento et Lélia Gonzalez

Résumé

Cette étude analyse les contributions des intellectuelles noires brésiliennes Beatriz Nascimento et Lélia Gonzalez aux études raciales au Brésil, dans le but de valoriser les savoirs nationaux et de lutter contre l'épistémicide des connaissances noires. La recherche met en évidence la pertinence de ces auteures et leurs travaux qui, de plus, ont offert des perspectives intersectionnelles sur la race, la classe et le genre, essentielles pour comprendre les dynamiques sociales brésiliennes. La méthodologie repose sur une analyse bibliographique des œuvres de Nascimento et Gonzalez, produites entre les années 1970 et 1990. Ces auteures proposent une lecture décoloniale des relations raciales et sociales, en intégrant les expériences et les vécus du mouvement noir brésilien, qui restent très pertinents aujourd'hui. Les résultats soulignent la pertinence de leurs analyses, qui dialoguent directement avec les spécificités du contexte brésilien, offrant des solutions et des réflexions plus adaptées que les théories importées. En outre, leurs écrits renforcent le champ des études raciales, remettant en question la subordination intellectuelle historiquement imposée à la population noire. Il est conclu que redécouvrir et valoriser l'héritage de ces auteures est essentiel pour approfondir le débat racial au Brésil, en affrontant à la fois le négationnisme et les inégalités persistantes. La recherche réaffirme la nécessité de privilégier les savoirs locaux, qui reflètent mieux la complexité de la réalité brésilienne et contribuent à surmonter la dévalorisation historique des intellectuels noirs.

Mots-clés: Beatriz Nascimento et Lélia Gonzalez; Décolonialité; Épistémicide; Études raciales; Intersectionnalité.

Black Intellectual Production in Brazil: Contributions of Beatriz Nascimento and Lélia Gonzalez

Abstract

This study analyzes the contributions of Black Brazilian intellectuals Beatriz Nascimento and Lélia Gonzalez to racial studies in Brazil, aiming to value national knowledge and combat the epistemicide of Black knowledge. The research emphasizes the relevance of these authors and their studies, which also offered intersectional perspectives on race, class, and gender, essential for understanding Brazilian social dynamics. The methodology is based on a bibliographic analysis of the works of Nascimento and Gonzalez, produced between the 1970s and 1990s. These authors propose a decolonial reading of racial and social relations, incorporating experiences from the Brazilian Black movement, which remain highly relevant today. The results highlight the pertinence of their analyses, which directly engage with the specificities of the Brazilian context, offering more appropriate solutions and reflections than imported theories. Moreover, their writings strengthen the field of racial studies, challenging the intellectual subordination historically imposed on the Black population. The study concludes that recovering and valuing the legacy of these authors is crucial to deepening the racial debate in Brazil, confronting both denialism and persistent inequalities. The research reaffirms the need to prioritize local knowledge, which better reflects the complexity of the Brazilian reality and helps to overcome the historical devaluation of Black intellectuals.

Keywords: Beatriz Nascimento and Lélia Gonzalez; Decoloniality; Epistemicide; Racial Studies; Intersectionality.

Histórico do artigo:
Submetido em: 17/03/2025 – Aceito em: 04/07/2025